

O ideal do celibato no platonismo: de Platão a Plotino

Autor: A. M. Shatalovich/A.M.Шаталович

Segundo o autor do artigo, o tema da família e do casamento está sub-representado na dimensão histórico-filosófica, em comparação, por exemplo, com a gama de estudos sociológicos ou psicológicos. No entanto, esse nicho contém um potencial significativo na perspectiva filosófico-cultural. Assim, dentro da estrutura do estudo das origens filosóficas da cultura europeia, o ideal platônico do celibato, que influenciou a formação das tradições ascéticas cristãs do casamento espiritual da alma humana com Deus, bem como as tradições da família espiritual monástica, é de interesse. A. Losev escreve sobre isso em particular: ¼ O platonismo cristão proíbe expressamente a família, o casamento e o amor. [. . .] O platonismo cristão é monasticismo [7, p. 848]. S. Troitsky em seu estudo conclui que a negligência do casamento em alguns autores da igreja está enraizada na herança da antiguidade na exaltação excessiva da razão, sendo uma espécie de tributo pago pelos antigos escritores da igreja à escola pagã [20, p. 121-122]. No entanto, a questão da formação do próprio ideal do celibato nos estudos filosóficos do platonismo e do neoplatonismo (P. Ado, V. Asmus, P. Blonsky, W. Windelband, A. Losev, V. Solov, VI. Losev, V. Soloviev, K. Popper, W. Ern) não foram analisados em detalhes. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é identificar as origens ideológicas, os fundamentos filosóficos e os principais estágios da formação do ideal do celibato no platonismo. As seguintes definições de casamento são aceitas como as principais definições de casamento neste artigo. Em um sentido amplo, o casamento é um relacionamento socialmente organizado entre um homem e uma mulher. Em um sentido restrito, O casamento é o estado civil de um homem e uma mulher para a formação de uma família e o nascimento de filhos. Diferentemente de outras relações sociais, o casamento inclui um elemento biológico natural de conexão íntima de parceiros sexuais (contatos sexuais), além disso, as relações matrimoniais têm aspectos econômicos, emocionais-psicológicos, legais e morais [18, p. 136].

As origens do ideal do celibato no platonismo remontam, antes de tudo, a Sócrates. Em um famoso aforismo atribuído a ele: Case-se por todos os meios. Se você conseguir uma boa esposa, será feliz. Se conseguir uma ruim, se tornará um filósofo. Sócrates contém implicitamente tendências éticas (um casamento feliz não é propício à perfeição espiritual e ao filosofar). Embora Sócrates, ao contrário de seu grande discípulo, fosse casado, ele percebia seu casamento, em primeiro lugar, como um dever cívico para com a polis nativa (o filósofo já tinha mais de quarenta anos na época de seu casamento) e, em segundo lugar, como um método de autoaperfeiçoamento ético nas condições de diálogo com uma mulher irritadiça e mal-humorada. É por isso que não é por acaso que ele disse que uma esposa mal-humorada para ele é o mesmo que um cavalo manhoso para os cavaleiros: Assim como eles, tendo superado os manhosos, facilmente controlam o resto, eu estou aprendendo com Xantipa como lidar com outras pessoas? [4, p. 104]. Sócrates personifica o antigo ideal de um homem sábio, um filósofo, um incessante buscador da verdade. Às vezes, Sócrates não voltava para casa por dias seguidos. Seu passatempo natural era o discurso e os diálogos intermináveis. Esse comportamento pode servir, em parte, como desculpa para o mau humor de Xantipa, que via Sócrates como um ocioso e tagarela.

Assim, o ideal de um filósofo em constante busca da verdade celestial e o ideal de uma vida conjugal ligada à vaidade deste mundo são incompatíveis.

Os fundamentos ontológicos, axiológicos e antropológicos do ideal do celibato no platonismo estão nos ensinamentos do orfismo, sob a influência do qual a antiguidade se acostumou com a ideia de que o mundo está no mal e que a alma sem a negação do corpo não será salva para a vida eterna. No Orfismo aparece o dualismo do espiritual e do corpóreo. O corpo e a sensualidade são vistos como o caixão da alma e um fantasma enganador. O homem aparece como uma mistura de origens titânicas e dionísicas [21, p. 93] e sua tarefa é libertar a alma do tema corporal ligado à luxúria. Consequentemente, o ascetismo se torna uma condição para uma vida piedosa, até a recusa de alimentos cárneos e a renúncia de tudo o que está ligado à corporeidade, incluindo o casamento (em particular, o No caso dos sacerdotes fenícios, era prescrito o mais estrito celibato).

Sob a influência da morte de Sócrates e com o fortalecimento da influência órfico-pitagórica, Platão chega a uma percepção negativa da esfera das manifestações corporais-eróticas, que é uma das características distintivas do casamento [18, p. 136]. O pólo mais brilhante dessa posição ético-ascética está concentrado em Phedon [10]. Platão ressalta que o filósofo não é viciado em beber e comer e, mais especialmente, em prazeres amorosos (64d). A alma do filósofo despreza resolutamente o corpo e foge dele durante toda a sua vida (65c). O corpo é a prisão da alma (83a), o inimigo do homem, ele nos enche de luxúrias, eros, medos, fantasmas (66c), que, junto com a loucura, constituem a esfera da maldade humana (81a). Nesse caso, Platão não usa acidentalmente a palavra $\frac{3}{4}$ eros $\frac{1}{4}$ no plural (ερῶτων) [23, 81a], mostrando a pluralidade irracional da paixão carnal. Portanto, a tarefa do filósofo é limitar sua conexão com o corpo tanto quanto possível, a fim de não ser contaminado por sua natureza (66d-67b). O principal objetivo da vida filosófica é morrer e a morte (64a). E se o filósofo permanecer fiel a seus ideais, sua alma irá para um lugar semelhante a si mesma, sem visão, divino, imortal, sensível e, ao alcançá-lo, encontrará a bem-aventurança (81a).

O raciocínio de Platão aqui não é tanto erotobórico $\frac{1}{2}$ [22, pp. 511-512, 532] quanto espiritualista. O filósofo fala de amor apaixonado e ardente, mas não como um desejo corporal, e sim no sentido de desejo pela plenitude da razão (66d-e), o que é confirmado até mesmo terminologicamente. Ao falar de amor à razão, Platão usa o verbo $\eta\rho\omega\upsilon\omega$, uma das formas do verbo $\epsilon\rho\omega$, co-correspondente a eros [23, 68a]. Assim, se é difícil imaginar o ideal do casamento sem o componente erótico, então Platão em $\frac{3}{4}$ Phaedon $\frac{1}{4}$ nega, em nome da filosofia, esse início sensual no homem, que se rebela contra a razão; consequentemente, o ideal de filosofar diverge do ideal de vida conjugal.

Na obra de Platão, contra o pano de fundo das visões ascéticas sobre a sensualidade, há outras conotações dionísicas (orgiásticas) apresentadas em $\frac{3}{4}$ Phedra [11]. Mas mesmo aqui a posição do pensador não se baseia de forma alguma no ideal do casamento. No início (primeiro discurso de Sócrates), Platão apresenta o eros em sentido negativo (Phedoniano), como a variante mais perigosa do desregramento, decorrente da escravização da razão ao desejo inato dos prazeres e da glorificação da beleza corporal (238c), que impede a convivência interior do ser humano com o corpo (239b), alienando o homem da filosofia divina. Mas inesperadamente, desse ápice do ascetismo Platão faz uma descida brusca para um frenesi erótico em um frenesi de mania erótica. Ele propõe aproveitar ao máximo a

sensualidade, que geralmente é abandonada por todos os ensinamentos ascéticos que pregam a salvação da alma. De acordo com Platão, por dez mil anos a alma é obrigada a vagar longe de sua pátria celestial com exceção da alma de um homem que "amou sinceramente a sabedoria ou combinou seu amor por ela com o amor por yunoshey: essas almas são iluminadas em três mil anos. Essas almas são encarnadas em três ciclos de mil anos" (249a). Nessa síntese, Platão redefine a base do ascetismo de Sócrates. Como explica S. Semyonova, por trás desse fisiologismo excitado da "Phaedrus" traça a "condensação final" da energia sexual: "Não haverá nada abaixo do vulcão do sexo natural, sua energia que exala fogo, não haverá nada acima dele, a beleza do cosmo inteligente e espiritual" [16, c. 164-165]. Ou seja, Platão como que propõe excitar ao máximo nossa luxúria erótica inata às custas da beleza corporal e, depois, às custas da beleza do corpo. beleza corporal e, em seguida, às custas da razão, refrear e redirecionar essa poderosa energia para servir aos propósitos corretos, em particular a filosofia e a salvação da alma. Essas construções estão novamente em consonância com o ideal do celibato.

Em primeiro lugar, Platão fala sobre se apaixonar por meninos. O culto do "amor por meninos", como A. Losev aponta [7, pp. 678-681, 683, 855], não foi acidental para a Grécia Antiga, mas derivou de seus fundamentos culturais. Ela está ligada ao domínio axiológico da masculinidade, ao amor do homem por sua semelhança (juventude), quando um homem (mente madura) cobiça a primeira mente madura) cobiça os primeiros vislumbres da mente jovem. Em segundo lugar, Platão defende o desenfreamento de eros, colocando o demonismo em sua base, que é destrutivo para o ideal do casamento. De acordo com P. Ricoeur, o homem sempre adquiriu humanidade e humanizou sua sexualidade somente por meio da instituição do casamento, uma disciplina que, em muitos aspectos, exige sacrifício.

Nas palavras do pesquisador, entre Eros e a instituição do casamento há uma aliança tênue, cheia de contradições, exigindo o sacrifício do sofrimento, às vezes até destrutivo para a humanidade. Ao mesmo tempo, nenhuma das sociedades modernas considera possível recusar-se a ordenar e controlar o demonismo de Eros por meio da instituição da família [15, p. 225-226]. Em terceiro lugar, o casamento pressupõe o propósito da procriação, e Platão sugere o uso do erotismo além desse propósito. Como escreve S. Surovyagin, "para a paixão carnal e quente "platônico", o casamento é o início de sua destruição. Eles, esses dois tipos de amor, não buscam ter filhos como um propósito vital" [19, p. 204]. No período maduro de sua obra, Platão sintetiza o Orfismo "de Fédon e o dionisismo de Fedro. Essa síntese é apresentada em "A Pira" [9]. Aqui não há a erotomania de "Fedro", mas também não há a negação total da sensualidade, como em "Fedon". "O Banquete", comparado a

"O Banquete", comparado a "Phaedrus" e "Phaedon", respira a moderação clássica. O conceito-chave de "O Banquete" é o conceito soteriológico de ascensão por meio do amor-eros, de bens menos significativos para bens mais significativos e, finalmente, para o Bem eterno. Mas a eternidade e a imortalidade não podem ser adquiridas de uma só vez, as pessoas as adquirem gradualmente. O corpo adquire a imortalidade por meio da procriação (206e). Deixando cada vez uma coisa nova no lugar da velha (207d), o corpóreo retém seu gênero e é contado como o mesmo, embora esteja sempre mudando. Mas essa maneira de usar o eros para a imortalidade genérica é imperfeita; a sede de imortalidade nos impele a buscar uma por caminhos mais elevados. Dos vários nascimentos corporais menos perfeitos (filhos), Platão passa para os mais perfeitos - nascimentos da alma (belas leis, discursos).(belas leis, discursos) e depois para a contemplação, da qual não nascem os sinais de virtude,

mas a verdadeira virtude. Tal pessoa herda o amor dos deuses, e se alguma das pessoas é imortal. Se algum dos homens é imortal, é ele (212a).

Nesse diálogo, o conceito de casamento "espiritual" (espiritualista) com a distinção entre amor universal e celestial já foi apresentado em sua totalidade. O conceito de amor apresentado no "Banquete" também se precipita da horizontal do eros conjugal (de acordo com o discurso de Aristófanes, todos buscam o bem ao encontrar sua metade corporal) para o vertical do eros filosófico-soteriológico no discurso e na imagem de Sócrates (a alma deve encontrar sua metade sem corpo no próprio Bem). Os estágios dessa ascensão axiológica em Platão são o casamento corporal (que dá origem aos filhos), o casamento da alma (que dá origem às leis e ao discurso) e, finalmente, o casamento espiritual, o casamento contemplativo da alma e a bela ideia do Bem (dando origem às virtudes).

Platão dá mais atenção às questões sociais do casamento em "O Estado" [8]. Em sua opinião, o problema de preservar a unidade do Estado é predominantemente o problema de preservar a unidade interna entre a classe dos guardiões, que é ameaçada pelo individualismo e por interesses isolados. Esposas e filhos comuns são, portanto, o maior bem do estado ideal (457d). Mas, naturalmente, a relação sexual promíscua, na opinião de Platão, no estado ideal permite a impiedade, por isso ele propõe o estabelecimento de casamentos sagrados (458c-e, 460a), que não se assemelham ao amor ideal, mas à "fábrica de cavalos" [7, p. 775] com regras rígidas (459de). Assim, Platão não dá seriedade ao amor conjugal e o chama de infantilidade (607e-608b), que é semelhante à poesia em sua inutilidade. Entregar-se aos prazeres amorosos e à ociosidade é uma diversão indigna (426a); o amor mútuo não é do interesse de uma sociedade ideal. O amor, de fato, é necessário apenas na pequena medida em que é utilitário, para garantir o coito do homem e da mulher a fim de manter a população do estado ideal.

No estado ideal, o homem deve seguir uma vida virtuosa sob a orientação da razão ou, de acordo com a definição de A. Losev, "higiene físico-mental" [6, p. 738], que consiste em imitar o cosmos em sua correlação harmoniosa de alma e corpo [6, p. 738]. Platão chega ao ideal de passar a vida sem frenesi erótico. Eros, como uma das manifestações do início da luxúria, deve se acalmar e não interferir com o "mais nobre do homem", ou seja, a razão, com suas alegrias e tristezas. Além disso, eros se enquadra na categoria das luxúrias desnecessárias, que não trazem nada de bom (558c-559c), e das quais o homem pode se livrar se fizer esforços desde jovem. De acordo com o pensador, a multiplicidade de luxúrias é peculiar apenas às mulheres e às pessoas insignificantes, enquanto nas pessoas nobres elas são simples e moderadas (431c-d). Em um filósofo, essas concupiscências são direcionadas para a aquisição de conhecimento e são substituídas por uma atração pela verdadeira filosofia (499b-c), que dá prazer à sua alma, e os prazeres corporais são perdidos para ele se ele não for um pretensioso, mas um verdadeiro filósofo (485b-e).

Ao analisar o conceito de casamento apresentado em "O Estado", os pesquisadores enfatizam seu caráter nominal. De acordo com V. Asmus, no estado ideal de Platão, não se trata de uma família, mas apenas da união de um homem e uma mulher para o nascimento de filhos. Isso também é um "casamento", mas um tipo peculiar de casamento. Ele aumenta a população, mas é incapaz de levar à formação de uma família [1, p. 147]. W. Windelband chega a uma conclusão semelhante. De fato, somente o cancelamento do casamento na doutrina de Platão dá ao Estado a oportunidade de cuidar

para que seus cidadãos deixem descendentes com todas as qualidades necessárias, mas isso destrói toda a vida familiar [3, p. 150].

A. Losev levanta a questão de forma ainda mais aguda: o platonista estrito reconhece ou não o casamento? Em sua opinião, o platonismo antigo permite o casamento, mas descarta qualquer conteúdo espiritual e pessoal. O platonismo reconhece a necessidade do nascimento físico dos filhos, mas não deve haver nada além do fato do nascimento, ou seja, não deve haver família, nem pai, nem mãe, nem filhos (no sentido próprio), nem amor de qualquer tipo. Amar platonicamente é tomar qualquer mulher que o governo ordene, e tomar apenas uma vez, com o único propósito de permitir que ela engravide. Você tem de ser monge, policial ou servo contratado, e não tem o direito de ser pai, mãe, filho ou filha. Os casamentos são decretados pelo governo, que é obrigado a perseguir os objetivos da raça, os objetivos do Estado, e não a atender aos sentimentos de seus cidadãos. Deve-se amar as ideias, não a família [7, p. 849-850]. Para resumir a posição de Platão, devemos observar que seu ideal de celibato ainda não está expresso em uma forma inequívoca. Seguindo a tradição soteriológica do Orfismo, ele prefere o casamento "espiritual" ao casamento terreno, mas ao mesmo tempo tenta incorporar seus pontos de vista por meio das normas sociais usuais na teoria do casamento em um estado ideal. Em uma forma mais clara, o ideal do celibato aparece no estágio final do platonismo - em Plotino, em cuja obra o dualismo do espiritual e do corpóreo é expresso de forma ainda mais clara. Não é por acaso que Plotino não apenas não era casado, mas também tinha vergonha de ter um corpo.

Plotino leva à sua conclusão lógica o conceito de eros de Platão, que é a base do casamento "espiritual". Em sua doutrina, o eros está presente em todos os estágios da emanção. A Alma Total e a Alma do Universo têm cada uma o seu eros hipostasiado, o deus-eros. O deus-eros, emanando ainda mais, "dispersa-se" em uma infinidade de eros-demônios, desde a pertença à alma cósmica até a pertença às almas individuais, até aquela clivagem final que na antiguidade era representada por uma série de eros-deuses, quando cada amor, cada empreendimento amoroso, cada tom de amor tem como que o seu próprio Eros, uma espécie de deus do momento, correspondendo tanto quanto possível à imagem do tempo e não à unidade da eternidade. A essência do demônio eros é a luxúria. Eros-demônio é eternamente necessitado [13, III.5.5]. De acordo com Plotino, o amor-eros, juntamente com outras manifestações do Bem, degenera devido à sua descida à matéria "E devemos nos lembrar de que o que vem das divindades (estrelas) não chega ao destinatário em sua forma original; o fogo, por exemplo, ficará mais escuro; o instinto do amor se degenerará em formas feias de paixão [. . .]. Qualquer uma dessas qualidades, criada da melhor maneira possível por uma forma superior, uma vez que chega até nós, se deteriora: quaisquer coisas que chegam até nós do alto já mudam porque deixaram o lugar de seu nascimento e continuam a mudar por causa de sua fusão com corpos, com matéria, uns com os outros [14, II 3.11.1-13]. "

Assim, o eros que conhecemos pelos padrões terrenos é uma distorção do verdadeiro eros, cuja natureza é o desejo pelo divino, pelo simples (ou seja, o Bem) e não pelo parcial. Essa atração primária nas almas deve ser "pela beleza em si mesma", manifestando-se como "um reconhecimento dela, uma afinidade por ela e um senso inconsciente de intimidade com ela" [12, III 5.1]. Em seu estado natural, a alma "ama (Ερω) Deus, esforçando-se pela união com ele, como uma menina ama um belo pai com um belo amor (ερωτα). Quando ela está como que cega pelo casamento, tendo nascido, ela muda para

outro eros mortal, e com ousadia vive longe de seu pai. Mas, tendo odiado a impudência local e tendo se purificado do local, ela se volta novamente com força para seu pai e experimenta um estado de bem-aventurança." [12; 24, VI.9.9.33-46]. Descrevendo esse feliz retorno da alma a Deus, Plotino observa: Quem não sabe quão feliz é esse estado de espírito, pode formar uma ideia aproximada dele por analogia com o êxtase que é dado aos homens aqui também no momento em que suas aspirações amorosas (ερα) são realizadas, com a restrição, no entanto, de que tudo o que serve aqui como um objeto de amor (ερωμενα) e desejo é perecível e fantasma, . (...) que não é entre esse tipo de coisas que podemos amar verdadeiramente (ερωμενον), que constitui nosso verdadeiro bem, pelo qual nos esforçamos, mas somente existe Aquele que é verdadeiramente digno de nosso amor, Aquele com quem podemos facilmente entrar em comunhão e união, uma vez que Ele não tem nenhum invólucro corporal sobre Si mesmo [14, 24, VI 9.9.38-46].

Dessa forma, a essência principal do deus-eros é a verdadeira contemplação. Plotino introduz essa característica em conexão com uma certa ambiguidade em "O banquete", de Platão, na qual as características de eros como desejo e geração são sucessivamente superadas durante a ascensão, deixando apenas a contemplação como resultado. Ao mesmo tempo, não está totalmente claro o que acontece com o eros depois que ele atinge o objetivo do desejo. O eros de Platão, tendo alcançado o ideal, teria essencialmente de desaparecer, substituído pela contemplação. Plotino resolve essa dificuldade passando do eros-demônio (esforço) para o eros-deus (contemplação).

Comparando eros e contemplação, Plotino chega a derivar o termo "eros" do termo "ver", "visão", "olhar", apontando que eros (εως) tem sua substância (hipóstase) do ver (ορασις) [12; 24, III.5.3.13-15]. Esse eros-olhar, de acordo com Plotino, aparece quando Afrodite se aproxima de Cronos (ou Urano), ou seja, a alma divina se volta para a mente divina, e o resultado é o eros-deus que dá visão, que é "o olho do luxurioso, por meio de seus poderes que permitem ao amante ver o objeto de sua luxúria" [13, iii.5.2.2] [13, III.5.2.40-41]. Aqui é apresentada uma introdução mais clara, em comparação com Platão, do próprio eros nas intuições visuais. O eros da alma superior, de acordo com Plotino, manifesta-se como "contemplando e permanecendo na altura, uma vez que é o companheiro da alma superior, por ela e dela nascido, satisfeito com a contemplação dos deuses" [12, iii.5.2.40-41] [12, III.5.3.19-21]. Consequentemente, o caminho de nossa alma para a morada celestial é inverso à emanção e passará do eros-fome ao eros-contemplação. Resumindo essas considerações de Plotino, podemos dizer que o eros natural é o eros para deus (eros-contemplação), enquanto o eros distorcido se manifesta na forma de eros nupcial (eros-condução). Da mesma forma, Plotino faz distinção entre duas Afrodites: uma é celestial, a outra tem a ver com casamentos locais [12, III.5.2]. Uma oposição semelhante entre o amor terreno e o celestial também é encontrada em Platão, mas em Plotino ela é apresentada de forma mais nítida. Como Platão, na doutrina de Plotino, eros pode ser um desejo tanto pela imagem quanto pela imagem original oculta por trás da matéria. A tarefa do homem é passar da imagem sensual para a lembrança da imagem original, para amar essa imagem como uma representação da imagem original. Nesse caminho, pode haver um erro, quando a imagem sensual parece ser a única imagem verdadeira, e então a aproximação com a beleza pode causar o pecado do coito. Ou seja, é infalível apenas contemplar a beleza, mas entrar em um coito físico, de acordo com Plotino, é pecado [12, III.5.1.28-46]. Assim, Plotino, ao contrário de Platão, chama explicitamente de pecado a relação carnal. Em sua

opinião, somente "aqueles que permanecem castos não cometem o erro de assimilar essa beleza [sensual]" [13, iii.5.1.1-46]. [13, III.5.1.36-38].

Os mesmos motivos órficos que inspiraram Platão podem ser ouvidos nessas considerações de Plotino, só que em um tom mais agudo. O mal é a matéria. Nas Enéadas, todas as belezas desse mundo sensual são apresentadas como duvidosas e poluídas por estarem inseridas na matéria. Como se pode permitir, pergunta Plotino, que as verdadeiras belezas possam chafurdar na imundície carnal, sujas além do reconhecimento? [14, VI 7.31]. Portanto, aqueles que estão preocupados apenas com a continuação de sua própria espécie, aqui na terra, satisfeitos com a beleza terrena, a beleza da imagem e da carne, estão apenas no início de sua jornada [14, III.5.1]. A tentativa de se perpetuar por meio da procriação aparece para Plotino como algo básico. O amor que não busca dar à luz fisicamente [5, p. 631] é o mais elevado de todos.

Que tipo de vida o homem deve viver de acordo com Plotino? Como enfatiza P. Blonsky, ele deve viver a vida de uma alma pura, voltada para a mente, porque o verdadeiro homem interior, nosso verdadeiro "eu", é a alma, a mente, para a qual a vida no corpo é má, e fugir "daqui" é um mandamento moral [2, p. 279]. Tal alma deixa tudo o que é local fora de sua atenção, luta pelo verdadeiro [14, VI 7.31], apressa-se para sair daqui, odeia aquilo "que nos liga ao outro, de modo que a totalidade de nós mesmos deve abraçá-lo e não ter uma única parte com a qual não estaríamos em contato com Deus" [5, p. 640]. [5, c. 640].

A música, o erotismo e a filosofia levam o homem a essa vida. O músico é sensível à beleza, busca a proporção e a medida. A tarefa do músico é distinguir as formas materiais do que é verdadeiramente existente, para chegar à beleza absoluta [14, I 3.1]. O segundo tipo é o dos nascidos para amar (ερωτικος), que são apaixonados pela beleza, mantendo em sua memória como que reflexos da verdadeira beleza. Sua tarefa é reconhecer a beleza em todas as coisas e compreender que a beleza é fundamentalmente Una. Eles devem mostrar a beleza do incorpóreo, a beleza das ciências, das virtudes [14; 24, I 3.2]. Mas o tipo mais elevado são os filósofos. Eles, ao contrário dos outros, já estão inspirados, mas precisam de orientação.

"Eternos aprendizes, eles facilmente dominarão a matemática, que ajudará a formar neles o pensamento abstrato e a fé no inteligível e incorpóreo; morais por suas inclinações naturais, eles devem constantemente se aperfeiçoar nas virtudes; depois da matemática, eles devem compreender a dialética e se tornar hábeis nessa ciência [14, I 3.3]."

Assim, se as ideias soteriológicas de Platão ("Phaedon", "Phaedrus", "The Feast") são equilibradas por ideias sociais ("The State"), nas quais o casamento, embora em um sentido nominal, serve à formação da harmonia universal, em Plotino encontramos o ideal de um homem solteiro, um filósofo celibatário. Nele, de acordo com Vl. Solovyov, apenas um contemplador e um asceta, que tem vergonha de ter um corpo, aparecem, respectivamente, o homem coletivo (sociedade) nunca alcança aqui os limites da humanidade.

Como a tarefa suprema da vida se esgota aqui com o retorno de uma única alma a Deus, nessa visão não há lugar para tarefas sociais, políticas e históricas: tudo está entre o indivíduo e o absoluto

"inexprimível" [17, pp. 396-397]. Consequentemente, a coisa mais importante na vida humana - o caminho para a salvação em Plotino - pode ser rotulado por meio de três ideais principais: contemplação filosófica, ascetismo e celibato. Tendo considerado o problema do ideal do celibato no platonismo, chegamos às seguintes conclusões. Os motivos de luta contra o casamento do platonismo estão implicitamente contidos no raciocínio e no estilo de vida de Sócrates. Sua essência pode ser caracterizada pela incompatibilidade entre um casamento feliz e a filosofia. Para Sócrates, o casamento aparece mais como um dever cívico e uma oportunidade de perfeição ética. Sob a influência da imagem do professor, bem como das ideias dualistas e soteriológicas do Orfismo, o conceito de casamento "espiritual" é formado na filosofia de Platão ("Phaedon", "Phaedrus", "Pyrus"). Entretanto, o ideal do celibato ainda não está explicitamente expresso em sua filosofia. Ele aparece de forma mais clara no estágio final do platonismo - em Plotino. O ideal do celibato está intimamente ligado aqui à formação soteriológica da alma humana, que se manifesta na contemplação filosófica e no ascetismo.